



“MIGREI E AGORA?”: NOTAS SOBRE A INSERÇÃO LABORAL DAS MULHERES MIGRANTES VENEZUELANAS EM BOA VISTA-RORAIMA

Maria das Graças Santos Dias¹

RESUMO

O presente trabalho é parte integrante da pesquisa de pós-doutoramento concluída, no qual procurou-se analisar a migração feminina venezuelana na fronteira norte do Brasil/ Boa Vista-Roraima, na perspectiva das relações de gênero e do trabalho. Nesse contexto, verifica-se a inserção laboral das migrantes venezuelanas em Boa Vista/Roraima, no que tange a respeito das condições dos trabalhos e dos seus direitos, além de “desinvisibilizar” o papel das mulheres nessa mobilidade humana. A pesquisa foi realizada por meio de fontes bibliográficas, documentais, entrevistas estruturadas, semiestruturadas e da participação observante com mulheres migrantes venezuelanas. Dessa forma, concluiu-se que muitas sofrem xenofobia e não têm seus direitos respeitados.

PALAVRAS-CHAVE: Migração; Mulheres; Trabalho.

RESUMO

The present work is an integral part of the completed post-doctoral research, in which we sought to analyze Venezuelan female migration on the northern border of Brazil/ Boa Vista- Roraima, from the perspective of gender and work relations. In this context, there is the employment insertion of Venezuelan migrants in Boa Vista/Roraima, with regard to the conditions of work and their rights, in addition to "disinvising" the role of women in this human mobility. The research was conducted through bibliographic sources and semi-structured interviews and observational participation with Venezuelan migrant women. Thus, it was concluded that many suffer xenophobia and do not have their rights respected.

KEYWORDS: Migration; Women; Work.

¹ Professora Titular da Universidade Federal de Roraima. Professora no Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Fronteiras da Universidade Federal de Roraima/Brasil.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar o processo de mobilidade humana das migrantes venezuelanas para o Estado de Roraima, no que tange a inserção laboral. Dessa forma, a referida pesquisa faz parte de uma das atividades desenvolvidas durante o Programa de Pós-doutorado em Democracia e Direitos Humanos na Universidade de Coimbra. A metodologia utilizada foi uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Com apoio na pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, entrevistas estruturadas e semiestruturadas, observação participante.

Nesse contexto, o termo migração é discutido como um processo, entre as mudanças nos sistemas sociais de gênero e a mobilidade feminina. Convém ressaltar que, por muito tempo, as mulheres eram incluídas nas pesquisas apenas como cônjuge. Pacecca e Courtis (2013) abordam que a inclusão da feminização nas migrações se deram a partir dos anos de 1950/1960, uma tendência mundial de incorporar gênero nas teorias da migração internacional, como se incide o gênero sobre a multiplicidade de fatores que estão inseridos no fenômeno da migração.

A fronteira do Brasil com a Venezuela é um lugar de complexidade, considerando que moram indígenas de diferentes etnias, migrantes regionais e pessoas de todos os continentes. Para Rodrigues (2009), o processo migratório na fronteira sempre foi caracterizado de migrantes brasileiros para Venezuela, trabalho pautado na atividade de mineração, ramo alimentício, tráfico de mulheres para exploração sexual, contrabando de combustível e cambio ilegal, marcado por três estágios: 1 – iniciou-se em meados da década de 1970, estimulado pelo declínio da mineração em Roraima, muitos brasileiros emigraram para o sul da Venezuela, área de mineração, com predominância masculina; 2 – iniciou-se nos anos 90, também estimulado pelo declínio de mineração e o fracasso de colonização e assentamento, uma emigração de homens e mulheres para reunificação familiar, as mulheres atuavam como cozinheiras/lavadeiras, além de algumas atuarem na prostituição; 3 – teve início nos anos 2000, marcado pelo aumento da emigração feminina para Santa Helena do Uairen, trabalho pautado no comércio local, nos restaurantes de brasileiros, nos salões

de beleza, no serviço doméstico e nas casas noturnas e prostíbulo, merece registrar o crescente retorno de brasileiros como consequência da crescente fiscalização de garimpos na Venezuela.

Segundo o Relatório *Human Rights Watch* (2017), atualmente milhares de pessoas têm fugido de uma crise humanitária que o governo venezuelano não enfrenta adequadamente, milhares estão vindo para o Brasil, pela fronteira da Venezuela com o Estado de Roraima, via município de Pacaraima/ município de Boa Vista; em solo brasileiro alguns solicitam proteção como refugiados, outros procuram trabalhos temporários e outros buscam por cuidados médicos. De acordo com dados oficiais do IBGE, durante os seis primeiros meses de 2018, aproximadamente 10 mil venezuelanos cruzaram a fronteira, cerca de 30,8 mil venezuelanos vivem no Brasil. O Estado de Roraima é a porta de entrada dos migrantes venezuelanos, por meio da BR-174.

No cotidiano da cidade de Boa Vista, capital do estado de Roraima, é comum a presença de migrante venezuelano em condições de situação de vulnerabilidade. Podemos encontrar pedintes nos semáforos, nas entradas de comércios, nas praças e muitos transeuntes nas ruas de bicicletas e outros caminhando com ferramentas (enxadas, cortador de grama, rastelo, etc.), com a finalidade laboral. Bem como encontramos-os com um papelão na mão escrito que precisam de trabalho. Por outro, desempenham atividade laboral como caixa e repositores de supermercados, pedreiros e ajudante de pedreiros.

Diante desse fenômeno histórico-social, justificamos essa investigação, que certamente irá preencher lacunas nessa área do conhecimento ao abordar a migração feminina da Venezuela para Boa Vista/ Roraima, sob a ótica de gênero e trabalho. Pois trata-se de uma temática recente, ainda pouco explorada. Para a sociedade servirá de aporte para tomadas de futuras decisões ou implementação de políticas públicas. Com efeito, é preciso tratar a migração feminina como um sistema complexo, que não se reduz apenas as migrantes, país de origem e destino; é necessário ter um olhar voltado para novas interpretações, nas quais todas as dimensões sejam contempladas, dentre essas dimensões reafirmo o trabalho laboral, considerando que todos são iguais perante a lei/ uma interface com os Direitos Humanos.

2 DESENVOLVIMENTO

Podemos afirmar que a migração venezuelana para o Brasil foi motivada por um cenário de crise política, econômica e humanitária. A falta de empregos, alta inflação, falta de recursos básicos para sobrevivência, resultou nesse êxodo humano, a partir de 2016, em busca de melhores condições de vida. Nesse contexto, podemos avaliar que houve, nos anos 2016, 2017, 2018 e 2019, saldo positivo nas migrações femininas, saldo positivo sempre crescente no decorrer desses anos. O que corrobora as diversas fontes sobre a migração venezuelana. O (SisMigra) base do Registro Nacional Migratório permite analisar que, atualmente, o Estado de Roraima ganha maior proporção nos registros de mulheres migrantes em detrimento dos outros Estados brasileiros.

Com relação a participação efetiva no mercado de trabalho formal, os dados das bases de dados RAIS-CTPSCAGED, apresentados no Relatório do Observatório das Migrações Internacionais, demonstram que há uma crescente inserção laboral de mulheres migrantes em trabalhos formais, no Brasil de 2011 a 2019. Com destaque para as migrantes venezuelanas que, em 2019, foram responsáveis por cerca de 62% das Carteiras de Trabalho emitidas no Brasil. Entretanto, o Obmigra ressalta que, apesar desse aumento absoluto, em termos relativos, é possível observar que o mercado formal de trabalho não absorve por completo essa mão de obra, pois foram emitidas 39.813 Carteiras de Trabalho para mulheres imigrantes, no Brasil, só em 2019; mas 11.717 não foram admitidas em algum tipo de emprego formal no mesmo ano. O que significa que das mulheres que tiraram Carteira de Trabalho; no ano de 2019, não exerceram nenhuma atividade no mercado de trabalho formal. Esta é uma realidade presente na trajetória de vida das mulheres migrantes na cidade de Boa Vista/Roraima.

Nessa seção, cabe uma reflexão sobre as mulheres migrantes, ou seja, como estão inseridas no nicho laboral, bem como no exercício de sua cidadania e os direitos humanos. É comum, na fala das entrevistadas, o relato de alguma atividade no

exercício de funções de empregadas domésticas como, geralmente, o primeiro trabalho laboral, ao chegar em Boa Vista.

Dessa forma, percebe-se uma migração em função da crise socioeconômica do país de origem, no caso, Venezuela. Nesse aspecto, sob a ótica da feminização, segundo Oliveira (2016), do ponto de vista qualitativo, a feminização da migração indica que a mulher passou a ganhar maior evidência nas dinâmicas migratórias. Isso não significa, antes, que elas não migravam, e sim que passaram a ser contabilizadas e mensuradas pelos indicadores das migrações enquanto dinâmica específica, deixam de ser invisíveis. É também inserido na discussão a categoria “gênero” temática que foi incorporada nos estudos migratórios. Essa variável “gênero” contribui para a mudança social do lugar da mulher nas pesquisas migratórias. Ela começa a ser deslocada da margem periférica para o centro da pesquisa. Outra variável importante que contribui a compressão da *feminização* da migração internacional está relacionada à questão da crise econômica mundial e, conseqüentemente, ao que Antunes (1999 *apud* OLIVEIRA, 2016, p. 31) denomina de “reordenamento internacional do trabalho”.

As migrantes internacionais deixam seus países de origem em busca de melhores condições de vida, mas findam encontrando nas localidades situações de exploração e a violação dos seus direitos. Apresento essa discussão a partir da fala das entrevistadas que trabalharam de empregada doméstica, sem carteira assinada e ultrapassando às 40 horas semanais. Sua condição de residência é sempre alugada. Ao trabalharem como vendedora ambulante, apontam a língua como uma dificuldade na comunicação com os clientes.

Os dados de 2016 da OIT- Organização Internacional do Trabalho, apontam que a maioria dos trabalhadores e trabalhadoras migrantes se insere nos setores e nas atividades econômicas com os salários mais baixos e com as piores condições de trabalho. Destaca, ainda, que para a mão de obra qualificada, oriunda de Cuba, Haiti e Venezuela, os diplomas não são reconhecidos no Brasil. Em uma economia globalizada, os trabalhos eventuais, temporários e subcontratados, são práticas usuais. Nesse contexto, o trabalho informal sem proteção social é a alternativa para a maioria dos trabalhadores refugiados e trabalhadores brasileiros. Enfatiza-se que o pagamento

em forma de diárias por serviços domésticos, limpeza de quintais e trabalhos eventuais, representa sempre uma forma de exploração (LIMA; FERNANDES, 2019).

Atualmente no cenário da globalização, onde os meios de transporte e comunicação são aperfeiçoados e a rapidez das informações passam a influenciar as vidas das pessoas. Para Patrícia Freitas (2012, p.157), os migrantes são as principais vítimas dos efeitos da globalização, impulsiona os movimentos migratórios nos países que perde o desenvolvimento, por outro lado, passam a sustentar a superexploração da força de trabalho através das subcontratações.

Com efeito, convém destacar dentre as entrevistadas, haviam mulheres com Ensino Superior que enfrentavam dificuldade de emprego e de revalidação do diploma. As depoentes encontraram dificuldades para regularizar sua situação como trabalhadora na área da medicina, pedagogia, administração e direito. Os desafios estão presentes na revalidação, em função da burocracia e na falta de recursos financeiros para pagar as taxas da referida revalidação, são custosas para uma migrante internacional. Em suma, a revalidação do diploma é um obstáculo a inserção no mercado de trabalho em Boa Vista/Roraima.

No que tange a xenofobia, a mesma faz-se presente entre os problemas universais e atemporais na sociedade boa-vistense, principalmente, em relação aos migrantes venezuelanos. As depoentes deixam evidente nas entrevistas a discriminação sofrida, relatando fatos de desvalorização da sua mão de obra pelo fato de serem migrantes venezuelanas. Pois, Bauman (2017) aborda que quando há “estranhos em nosso meio”, aparecendo o tempo todo e assombrando todos os setores da população com uma intensidade e num grau mais ou menos semelhantes, as áreas urbanas densamente povoadas geram inevitavelmente impulsos contraditórios de “mixofilia” (a atração por ambientes diversificados e heterogêneos anunciando experiências desconhecidas e inexploradas, por esse motivo prometendo os prazeres da aventura e das descobertas) e de “mixofobia” (o medo provocado pelo volume irrefreável do desconhecido, inconveniente, desconcertantes e incontroláveis) (BAUMAN, 2017, p. 14-15). O referido autor ainda menciona que “o efeito geral dessas e de outras acusações, depreciações e calúnias, (em geral, com pouco apoio nos fatos, se é que há algum), é em primeiro lugar a desumanização dos migrantes. Tal

desumanização abre caminho à exclusão da categoria de seres humanos legítimos, portadores de direitos, e leva, com nefastas consequências, à passagem do tema de migração da esfera da ética para das ameaças à da segurança, prevenção e punição do crime...” (BAUMAN, 2017, p.84).

Nessa discussão, corrobora a fala de Mina e Lima (2018, p.8), ao mencionar os acontecimentos decorrentes do movimento migratório venezuelano em Boa Vista-Roraima. Pois, muitos são “comentários xenófobos na internet, ataques contra a integridade física dos venezuelanos; destruição de abrigos dos imigrantes e solicitação de fechamento da fronteira”. Segundo os autores, existe a culpabilização dos migrantes pelo desemprego, em função da substituição da mão de obra dos brasileiros por trabalhadores imigrantes. Por fim, é visível a ausência de políticas públicas migratórias para a integração laboral em Boa Vista-Roraima.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração foi analisada como fenômeno histórico-social complexo, que envolve fatores individuais, familiares, laços de amizade e culturais. Ocorre desde o início da humanidade. A mobilidade espacial da população, neste estudo, é em escala internacional. A investigação histórica permitiu perceber que o perfil das mulheres migrantes venezuelanas para Boa Vista/Roraima, em relação a inserção laboral, predomina no Ramo de Atividade de Trabalho, no comércio com 38,5%; em outros 39.3%. No que tange aos destinos específicos para as migrantes, temos a zona oeste da cidade de Boa Vista, geralmente, na qual habitam junto aos familiares, em quartos ou pequenas casas em vilas.

Convém destacar o perfil das migrantes que trabalham informalmente, suas falas estão inseridas nesta pesquisa de campo, migram em busca de uma vida melhor para si e para sua família, chegam a enviar remessas de dinheiro para o país de origem. Muitas migrantes buscam tratamento de saúde, em função da assistência médico-hospitalar gratuita, oferecida pelo Estado de Roraima em detrimento da falta no

seu país. São falas pontuais que refletem o sofrimento ao abandonar seu país, sua família, sua cultura.

Como pesquisadora, chama-me a atenção a “fome” que atinge esses migrantes. Temos, em Boa Vista, várias igrejas que oferecem alimentos, além de instituições de caridade, ONGs, ACNUR e ainda 13 abrigos administrados pelo Exército brasileiro, por meio da Operação Acolhida. Nos depoimentos das migrantes, percebemos que não tem abrigo para todos que procuram; muitos, quando chegam, vão dormir nas praças, principalmente no Terminal Rodoviário de Boa Vista/RR.

Ao concluir, infere-se, com apoio em Bauman (2017), que o pânico migratório, por meio dos noticiários, das manchetes de jornais, dos discursos dos políticos, é usado para transmitir temor e ansiedade ao público. O “pânico moral” significa um medo compartilhado por parte da sociedade que algum mal está ameaçando o bem-estar da população. Os migrantes são vistos como “estranhos” que tendem a causar ansiedade por serem “diferentes”. Nessas circunstâncias, a humanidade está em crise e não existe outra saída senão a solidariedade dos seres humanos. Nesse mundo globalizado da indiferença, nós nos acostumamos com o sofrimento dos outros. Precisamos urgente rever essa indiferença e nos solidarizar com o migrante que precisa de acolhimento. Pois, facilmente, encontra-se na população sentimentos de xenofobia. Em suma, vivemos uma crise humanitária, pois, segundo o referido autor, a política de separação é equivocada, ao longo prazo, destina-se ao fracasso. Em vez de muros, precisamos construir pontes.

Nessa senda da migração internacional, as mulheres são protagonistas no processo migratório, mobilizam a família, quando não trazem, mandam buscar assim que adquirem condições financeiras. Com efeito, saem da “invisibilidade”, pois esse novo olhar sobre as migrações femininas é recente nas pesquisas acadêmicas e no planejamento de políticas públicas.

Por fim, com aporte na Nova Lei da Migração, tem-se a ênfase aos princípios da não discriminação, combate a xenofobia e a igualdade de direitos de trabalhadores imigrantes e nacionais, bem como o fortalecimento da integração cultural, econômica, política e social dos povos latino-americanos.

4 REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Estranhos à Nossa Porta**. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

BRASIL. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2014.

BRUMES, Karla R. **Movimentos migratórios em cidades médias: o caso de Uberlândia-MG (1970-2000)**. 2003.120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia), Faculdade de Ciência e Tecnologia. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente, 2003.

FEITAS, Patrícia. Imigração Boliviana para São Paulo e o setor de confecção em busca de um paradigma analítico alternativo. In: Baeninger, Rosana. (org.) **Imigração Boliviana no Brasil. Campinas**. Núcleo de Estudos de População-NEPO/UNICAMP; Fapesp; CNPQ; Unfpa, p.155-174,2012.

Flávia Mantovani. Diário de uma refugiada: venezuelana relata experiência de migrar ao Brasil. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 12 de dezembro de 2020. Disponível em: < Diário de uma refugiada: venezuelana relata experiência de migrar ao Brasil - 12/12/2020 - Mundo - Folha (uol.com.br) >. Acesso em: 09 jan. 2021.

Human Rights Wath. O êxodo venezuelano: A necessidade de uma resposta regional a uma crise migratória sem precedentes. **Relatório**. 2017. Disponível em: < https://www.hrw.org/sites/default/files/report_pdf/venezuela0918port.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2019.

LAGARDE, M. **Género y feminismo – desarrollo humano y democracia**. Madrid: Horas & Horas, 1996.

LIMA, José Carlos Franco de; FERNANDES, Gilmara. **Migrantes em Roraima (Brasil): a massificação dos termos acolher/acolhimento**. Artigo online ligado em março de 2019. Disponível em http://ufrbr.br/antropologia/index.php?option=com_content&view=article&id=115:migrantes-em-roraima-brasil-a-massificacao-dos-termos-acolher-acolhimento&catid=2&Itemid=102. Acesso em: 09 jan. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza & COSTA, António Pedro. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. **Revista Lusófona de Educação**, 40, 2018.

MINA, Renan Vidal; LIMA, José Rodolfo Tenório. A “cordialidade” do povo brasileiro frente à imigração de venezuelanos em Roraima: uma discussão sobre a xenofobia. **Revista del CESLA**, núm. 22, 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/jatsRepo/2433/243360086015/html/index.html>. Acesso em: 09 jan. 2021.

OBSERVATÓRIO DA MIGRAÇÕES INTERNACIONAIS. **Relatório Anual da OBMIGRA, 2020**. Série Migrações. Brasília: Ministério da Justiça e Segurança, 2020.

OLIVEIRA, Márcia Maria de. **Las paradojas del tráfico y la trata de mujeres de la Amazonia brasileña en España**. Huelva: Universidad de Huelva; Programa de Posgrado en Género, Identidad y Ciudadanía, 2011.

_____. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia Contemporânea**. São Carlos: Editora Scienza, 2016.

PACECCA, M. I.; COURTIS, C. Género y trayectoria migratoria: mujeres migrantes y trabajo doméstico en el amba. **Pap. Poblac.**, v.16, nº 63, Toluca, ene/mar. 2010.

PATARRA, Neide Lopes. O Brasil: país da Imigração? **Revista Eletrônica e-metropolis**, Rio de Janeiro, n.9, p. 6-18, jun. 2012.

RODRIGUES, Francilene dos Santos. Configuração migratória no lugar Guayana: uma análise da migração na tríplice fronteira Brasil-Venezuela-Guiana. In. ARAGÓN, Luis E. **Migração internacional na Pan-Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 2009. p. 223-236.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. Prefácio Pierre Bourdieu; tradução de Cristina Murachco. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1998.

_____. O que é um imigrante? **Peuples mediterrances**, n. 7, p. 3-23, abr./jun., 1979.

SCOTT, Joan Wallach. Gender as a useful category of historical analysis. In: **Culture, society and sexuality**. Routledge, p.77-97, 2007.

SIMÕES, Gustavo da Frota Org. **Pesquisa Perfil Sociodemográfico e Laboral da Imigração Venezuelana no Brasil**, Curitiba-PR, Editora CRV, 2017.

VASCONCELOS, Iana dos Santos; SANTOS, Sandro Martins de Almeida. IN: OLIVEIRA, Márcia Maria. DIAS, Maria das Graças Santos Organizadoras. **Coletânea Interfaces da Mobilidade Humana na Fronteira Amazônica**. Boa Vista: Editora UFRR, 2020, p. 54 a 77.